

## As pedras que habitam o vazio

Bárbara Santos Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

É preciso do passado para poder viver o futuro. No entanto, como viver de memória em um país que constantemente busca apagar a sua própria? É essa a reflexão que permeia a história do personagem, preso em suas memórias que passam pelo encantamento infantil com o mundo, pelo golpe militar de 64, o incêndio na Cinemateca, em 2021, e o luto que a falta de uma lembrança pode deixar em corações que lutam contra o vazio.

3º lugar no concurso “Mostra sua Arte”, com o tema “Cultura e Memória”, em 2021, realizado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

**Palavras-chave:** Cultura; Memória; Cinema; Violência; Vazio.

*(Para o meu pai)*

Ele pensava que existia alguma coisa sobre o cinema que o fazia inacreditável. Em realidade, pensava isso até os dias de hoje. É que naquela época era mais visível, principalmente para alguém que só tinha saído do interior de Minas Gerais aos oito. Havia uma praça naquela cidade, quando ela ainda não era tão grande. Tinha um cinema lá que o rapazinho ficava namorando vez ou outra só porque gostava dos letreiros. Mais do que dos letreiros, ele gostava de Hércules. O filme em exibição da vez era aquele de título grande, mas ele tinha boa memória e guardava até hoje, apesar de nunca mais tê-lo assistido, desde 1971. *Hércules, Sansão, Maciste e Ursus, os invencíveis*. Foi a primeira vez que ele não entregou todo o dinheiro que ganhava vendendo pipoca no estádio, ou engraxando sapato, ou vendendo alface na rua, para a mãe. Foi

---

<sup>1</sup>Estudante de licenciatura em Letras - Português/Francês pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).  
Barbarasilva2410@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3745-209X>



a primeira vez que ele decidiu ser só um pouquinho egoísta. A justificativa era a de que tinha onze anos, apesar de não saber muito bem o que aquilo de fato significava, então entrou no cinema e se acomodou na cadeira. Era tão miudinho o rapaz que não se dava conta da própria solidão. Ele me contou que naquela primeira vez, e na segunda, e na terceira, e desde sempre, tudo era tão mágico. É que ele não tinha TV em casa, então como poderia no mundo existir uma tela tão grande e pessoas que pareciam heróis de verdade, onde estavam aqueles heróis? Como é que existiam caixas enormes por onde saíam sons tão altos e aquilo o assustou de um jeito, porque ele também não gostava de sons altos, mas gostou tanto, e tanto, do cinema. Não contou pra ninguém sobre aquilo, mas às vezes se encontrava daquele jeito, sonhando acordado, pensando nas impossibilidades que ele não achou que eram possíveis até aquele dia.

*Hércules, Sansão, Maciste e Ursus* foi um filme estrangeiro de 1964 que contava história de heróis, de grandes e honrados homens. Fazer essa comparação era meio assustador, porque em 1964, ele ainda morava lá na roça e não entendia muito bem os militares e até achava que poderiam ser heróis se o seu pai não costumasse ficar tão quieto, tão sentido, tão protetor quando via aqueles caminhões passando na cidadezinha. Mas, ele não ligava muito, até ter que se mudar e a família toda veio de caminhão e o caminhão foi parado e até seus irmãos, ele incluso, foram revistados. As armas que aqueles homens seguravam eram enormes, não pareciam nada com heróis, nunca foram, e ele sonhou com aquilo por um tempo, e acordava meio assustado, porque o sonho não era bom. Depois que cresceu, se pegava pensando que seria até bom que só fosse um sonho, porque desta forma não precisaria lembrar, os sonhos somem com o tempo. Existem lembranças que condenam e talvez isso fosse uma violência contra o existir no mundo: quando não se pode tornar a lembrança um lugar de retorno. Não é possível que existir fosse de tão pouca liberdade. No entanto, a fé era uma constante. Ter que se resumir para caber em um espaço se tornava agonizante. Agora que o tempo tinha passado, ele percebia a falta de mudança de algumas coisas e fazia tanto tempo que ele não era mais do que pura síntese somado a alguns fragmentos de memórias, de lembranças, de pouca existência do menino miúdo que foi ao cinema pela primeira vez em 71 assistir a um filme de 64, o momento em que os brasis foram obrigados a esquecer para seguir em frente, mas não dava



para seguir em frente sem retornar, não dava. A própria fé nega o futuro, nega as possibilidades do que se pode ser quando o antes não existe.

Ele sentia isso, às vezes, o medo de não se lembrar mais da voz do pai, dos olhos dele, porque sentia que a memória começava a falhar. Por isso, passava as horas encarando a única foto que tinha dele e depois se olhava no espelho. Um dia, a filha mais nova chorou por não ter conhecido o avô, então, para acalmá-la, respondeu que o pai vivia dentro dele. Ficou tão satisfeito com a resposta, que tinha sanado uma dúvida de dentro dele, e pensou que era incrível como as pessoas sobrevivem pela memória e pelo que somos. De alguma forma, elas sempre vivem; tinha certa mágica, certa fé, em pensar que cada pessoa nesse mundo é eterna e que, na morte, nossas células se espalham por aí, sobrevivendo dentro de cada existência que habita o mundo até virar poeira cósmica, até virar estrela. Mas, e se ele esquecesse? Da voz, dos olhos. Se tudo isso acabasse, quem se lembraria?

Isso era uma constante: o silêncio daqueles tempos, a falta de qualquer certeza. Era tão difícil ficar dentro de casa por tanto tempo, porque as memórias que não eram abrigos começavam a retornar e ele se lembrava do que tinha esquecido (a voz, os olhos). Ficava assistindo à TV, mas as notícias só deixavam perceptível o seu deslocamento naquele mundo, porque tudo era número, números muito altos, não gente, não parecia gente, mas era tanta gente. Todo brasileiro era um tipo de deslocado, especialmente aqueles que já tinham nascido em 1964, e os seus filhos, e os filhos deles. A televisão agora era tão comum e ele passava as horas de sua aposentadoria sentado em frente a ela, remoendo dentro do coração todos os resquícios de violência a qual estava submetido, a falta de lembrança de um tempo que se tornou uma pedra no vácuo: imóvel, tão pequenina que era quase inexistente. Só se podia viver de memória em 2021, mas, como, se algumas delas ele não tinha mais, se foram apagadas, como a voz e os olhos, perdidos no vazio? Ver o mundo caminhando para um futuro sem passado trazia de volta o deslocamento para o nada, direto para o caos. O galpão e todos os filmes que ele poderia ter assistido em 1964 e 1971, e depois, pegaram fogo, tudo isso foi embora, justo quando ele precisava desesperadamente de uma memória que nunca antes tinha tido. Todos os fragmentos eram corroídos pelo incêndio, pelo fogo que apagava a existência, mas que deveria



dar vida, que era vida, só que todo o mundo também tem um pouco de morte. Ele pensava que tudo parecia ser memória em 2021, mas estava tão errado, porque ela não existia, nunca existiu (e o que existia era apagado pelo cheiro de morte que caminhava em cada esquina dos nossos brasis).

Deixou de pensar nisso por um tempo, até perceber que tinha mesmo esquecido da voz, e dos olhos; eles tinham apagado os números, encobrindo-os. A sua lembrança tinha sido incendiada como aquele acervo de filmes que ele nunca tinha visto, em um lugar que ele nunca tinha sequer pisado, igualzinho a um país que nunca encontrou os seus ancestrais, igualzinho a um pai que não tinha conhecido a própria mãe e dela só tinha uma foto de um caixão, no dia da finalização. Um caixão. A memória era resumida a isso e a existência uma impossibilidade. Se conformar é a tentativa de esquecer: não existe maior maldição do que viver em um mundo em que dele não se sabe de nada, porque tudo, de repente, foi jogado ao caos. Ninguém sabe o que aconteceu naqueles dias, nesses dias tão longos que encobrem a eternidade do que se deveria ter fé.

